

Evangélicos LGBTI+ e contraofensiva à hegemonia do discurso religioso sobre gênero e sexualidade no Brasil

*Por Flávio Conrado**

Introdução

Analisar a força do neoconservadorismo na sociedade brasileira não pode prescindir de considerar que a emergência dos movimentos que articulam questões de gênero e sexualidade na esfera pública introduziram um repertório de ideias, agendas, práticas e posicionamentos políticos que desestabilizaram profundamente a forma como a ordem moral cristã orientava o conjunto do evangelicalismo no Brasil e na América Latina até os anos 2000.

Esse repertório, levado a cabo pela atuação dos movimentos feministas e lgbtqi+, modificou o agenciamento público de parte expressiva das elites políticas e pastorais evangélicas, com as discussões que pautaram o Projeto de Lei 122/2006 na Câmara dos Deputados, com vistas à criminalização da homofobia, e a elaboração do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH 3), com ampla participação popular, sancionado pelo Governo Federal em 2009, e que propunha uma série de medidas para a garantia de direitos sexuais e reprodutivos a serem implementadas por diferentes instâncias do Estado brasileiro, entre eles a descriminalização do aborto e um conjunto de políticas de afirmação da cidadania das minorias sexuais.

Esse ponto de virada não deve ser menosprezado, já que ele engendrou a construção de “pânicos morais” e de “retóricas LGBTfóbicas” e permitiu aos atores religiosos mobilizar votos e adesões incondicionais que contribuíram para assegurar o lugar hegemônico do discurso evangélico na cena pública desde então, como se viu na aglutinação que o bolsonarismo ensejou para uma parte expressiva desse segmento na última década.

A força desse agenciamento público neoconservador possibilitou, por sua vez, a reconfiguração do segmento progressista do evangelicalismo, dando lugar a novas disputas e à emergência de organizações, coletivos e lideranças LGBTI+ evangélicas para além das chamadas igrejas inclusivas.

Este relato concentra-se em um desdobramento recente dessa reconfiguração no interior do progressismo evangélico a partir da política de alianças que tem sido forjada, não sem diversas dificuldades, entre segmentos “progressistas” evangélicos e o movimento LGBTI+ no Brasil, ensejando oportunidades de demonstração do crescente protagonismo de pessoas LGBTI+ evangélicas nessa discussão. A participação evangélica na Parada do Orgulho LGBT de Brasília em 2023 demonstra como lideranças evangélicas LGBTI+ estão sendo capazes de construir uma presença pública que transgride fronteiras no ativismo religioso e adquire relevância estratégica tanto para o Movimento LGBTI+, quanto para a emergência LGBTI+ evangélica.

Orgulhe-se: Cristo morreu por nós

* Casa Galileia – E-mail de contacto: fconrado@gmail.com



A participação de evangélicos nas paradas do orgulho não é um fenômeno recente ou isolado. Especialmente membros das chamadas igrejas inclusivas são vistos desfilando de maneira organizada nas paradas das principais cidades do país. Uma parte dessas igrejas atuam, muitas vezes, no sentido de recrutar novos membros ao disseminar um discurso de afirmação de pessoas LGBTI+. Não é incomum inclusive sua participação nos trios elétricos no momento da concentração da parada, para partilhar uma mensagem de acolhimento que se distancia do que é propagado pelo evangelicalismo hegemônico e conservador.

Desde 2019 o Evangélicxs pela Diversidade, um grupo formado por pessoas LGBTI+ evangélicas de diferentes igrejas, tem participado das paradas do orgulho nas cidades onde tem seus núcleos organizados. Formado como uma rede nacional em 2018 em um encontro no Rio de Janeiro, o Evangélicxs pela Diversidade assumiu desde o início a prerrogativa de se constituir em uma ponte entre organizações e coletivos do mundo evangélico progressista, incluindo sua expressão ecumênica, e as demandas e reflexões do movimento LGBTI+.

Em primeiro lugar, no sentido de letrar e engajar organizações, coletivos e lideranças evangélicas que se encontravam vinculadas ao campo progressista a acelerar seu acerto de contas com o tema dos direitos sexuais e da diversidade de gênero. Em segundo lugar, construir alianças com organizações do movimento LGBTI+ a fim de demonstrar que há uma disputa ocorrendo em espaços do evangelicalismo, e que pessoas evangélicas e LGBTI+ existem e estavam dispostas a se engajar no movimento para obter não apenas direitos civis, como também fazê-lo por meio da afirmação de seu pertencimento religioso, enfrentando o duplo desafio de transformar a sociedade brasileira e transformar as igrejas.

Foi o que motivou o núcleo de Brasília, depois de diversas participações na parada do orgulho, a criar a possibilidade de uma construção com a organização da parada que ensejasse maior visibilidade da presença evangélica plural no evento, mostrando que evangélicos lgbti+ existem, a despeito do discurso evangélico conservador que lhes invisibiliza em seus espaços.

A proposta que foi construída com a organização da parada estabelecia a ocupação oficial de três espaços estratégicos.

- 1) A realização de um ato litúrgico na sexta-feira anterior à Parada, liderado pelo Evangélicxs pela Diversidade, a Catedral Anglicana da Ressurreição (Igreja Episcopal Anglicana), a Igreja Arena Apostólica Church e a Igreja Cidade de Refúgio, essas duas últimas igrejas inclusivas. Esse ato foi realizado na área externa da Biblioteca Nacional, sob o tema: Orgulhe-se, ele morreu por nós.
- 2) A participação, no sábado, da Feira de Empreendedorismo LGBT, Cidadania e Cultura, com stands que foram ocupados pelo Evangélicxs pela Diversidade e Igreja Cidade de Refúgio.
- 3) Intervenção no trio elétrico principal da Parada durante a concentração no domingo, para apresentação e mensagem de afirmação LGBTI+ desde uma perspectiva evangélica.

Esse conjunto de atividades coordenadas deu a oportunidade de dar maior visibilidade à presença de evangélicos LGBTI+ na parada do orgulho. Considerando o discurso



lgbtfóbico do conservadorismo evangélico hegemônico, ter igrejas e lideranças pastorais com discurso inclusivo-afirmativo na parada de 2023 foi um passo importante na disputa que vem sendo travada com esse segmento em diferentes instâncias. Ao mesmo tempo foi talvez o primeiro momento, certamente no Distrito Federal, da construção de uma atividade em que diferentes segmentos do evangelicalismo progressista, com suas diferenças e idiossincrasias, se uniram para sua realização. Foi um passo importante também na consolidação de uma aliança com organizações e eventos do movimento LGBTI+, permitindo que a comunidade possa ter um outro olhar para o segmento evangélico, menos atravessado pela influência de certas lideranças que possuem um discurso profundamente lgbtfóbico.

Conclusão

As paradas do orgulho são eventos de capital importância para as organizações do movimento LGBTI+, já que atraem toda a comunidade, além de artistas, políticos e pessoas aliadas para uma demonstração pública massiva em que a afirmação e o orgulho de ser lgbti+ está no centro. A ocupação, portanto, de espaços na programação oficial da parada foi um resultado importante de uma articulação que foi sendo construída ao longo dos anos, a partir do reconhecimento que o Evangélicxs pela Diversidade foi ganhando na cidade entre as organizações do movimento LGBTI+.

A transformação pela qual está passando a sociedade brasileira no tocante aos direitos de minorias sexuais é irreversível e a normalização do reconhecimento desses direitos passa por uma mudança cultural que precisa incluir largas parcelas da população que articulam o sentido e propósito de suas vidas a partir do pertencimento cada vez mais intenso às igrejas evangélicas na medida em que vai se consolidando a transição religiosa do país, a partir do declínio do catolicismo.

Em sua pluralidade de estilos, doutrinas e práticas, o evangelicalismo assume, no entanto, uma feição pública muitas vezes marcada por uma retórica lgbtfóbica. Embora seus construtos teológicos articulem-se hegemonicamente à margem do letramento da diversidade sexual e de gênero, há um esforço por parte de diferentes organizações, coletivos e lideranças evangélicas de, assumindo-se parte da comunidade lgbti+ ou aliadas, demover paulatinamente as igrejas evangélicas de uma posição histórica conservadora. Organizações como o Evangélicxs pela Diversidade, mas também igrejas históricas como a Igreja Episcopal Anglicana, e as igrejas inclusivas, estão assumindo um protagonismo que vem influenciando outras organizações do campo progressista e suas lideranças para revisarem suas doutrinas e políticas organizacionais e eclesiais para uma postura eminentemente afirmativa.

Articulações e alianças dessas organizações, coletivos e igrejas do campo evangélico com organizações e coletivos do movimento LGBTI+ são profundamente importantes e devem ser encorajadas a fim de acelerar os deslocamentos tectônicos, que lentos mas contínuos por sua natureza, vão permitir uma mudança de paradigma copernicana na ordem moral evangélica.

